



A ARTE PELO RIO DE BELÉM (PA): OS GRAFITIS DAS MORADIAS DO ILHA DO COMBU

ART BY THE RIVER OF BELEM (PA):
THE GRAFFITI OF THE HOUSES OF COMBU'S ISLAND

OLIVEIRA, José Guilherme de¹

<https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>

TEIXEIRA, Will Montenegro²

<https://orcid.org/0000-0002-2415-5846>

TEIXEIRA, Lucilinda Ribeiro³

<https://orcid.org/0000-0003-4062-614X>

RESUMO: Este artigo aborda a arte a partir da experiência com o *graffiti* realizado nas moradias da Ilha do Combu, em Belém, no Pará. O objetivo é analisar as manifestações artísticas do projeto *Street River*, levando em conta as relações estéticas e representacionais. O delineamento teórico foi alicerçado nas filosofias de Dewey (2010) e Peirce (2017), além de Santaella (1995, 2002, 2019, 2020). O percurso metodológico teve pesquisas exploratória, documental e bibliográfica. Entre as fontes, destacam-se matérias jornalísticas de mídia impressa regional e nacional acerca do objeto de pesquisa, além de algumas informações trazidas nas entrevistas, relacionando-as com a ocorrência de manifestações artísticas em outros Estados. Verificou-se que o *graffiti* produzido nas fachadas das casas da Ilha do Combu foi resultado de relações, interações e vivências entre artistas e moradores durante as edições do projeto *Street River*. A experiência é o processo contínuo para o *graffiti* que segue o seu fluxo na efemeridade de sua expressão com os corriqueiros apagamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Ilha do Combu; *Graffiti*; *Street River*.

ABSTRACT: This article approaches art from the experience with graffiti on the houses of Combu Island, in Belém, Pará. The objective is to analyze the artistic manifestations of the Street River project, taking into account the aesthetic and representational relationships. The theoretical design was based on the philosophies of Dewey (2010) and Peirce (2017), in addition to Santaella (1995, 2002, 2019, 2020). The methodological course has exploratory, documentary and bibliographic research. Among the sources, journalistic articles from regional and national print media about the research object stand out, in addition to some information brought in the interviews, relating them to the occurrence of artistic manifestations in other states. It was found that the graffiti produced on the facades of houses on Combu Island was the result of relationships, interactions and experiences between artists and residents during the Street River project editions. The experience is the continuous process for the graffiti that follows its flow in the ephemerality of its expression with the common erasures.

KEYWORDS: Combu Island; *Graffiti*; *Street River*.

1 Doutor e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Graduado (Licenciatura) em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bacharel em Psicologia pela UFPA. Graduado em Formação de Psicólogo e (Licenciatura) em Psicologia pela UFPA. Professor titular da Universidade da Amazônia (Unama). Docente permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama. Líder do grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (Gita) da Unama, certificado pelo CNPq. E-mail: jgpsico.lettras@gmail.com.

2 Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Mestre em Ciências Sociais (Sociologia) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac (Senac/RJ). Pós-graduado em Aperfeiçoamento para a Sustentabilidade e Responsabilidade Social pela Fundação Dom Cabral (FDC/MG). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade da Amazônia (Unama). Docente de cursos de graduação da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e Faculdade Pan Amazônica (Fapan). Pesquisador do grupo de pesquisa Comunicação, linguagens, discursos e memórias na Amazônia da UFPA e integrante do grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (Gita) da Unama, ambos certificados pelo CNPq. E-mail: willmontenegro@hotmail.com.

3 Doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora titular da Universidade da Amazônia (Unama). Tem licenciatura plena em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama. Integrante do grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (Gita) da Unama, certificado pelo CNPq. E-mail: lucilind@uol.com.br.

INICIANDO A NAVEGAÇÃO POR BELÉM

O início desta navegação é cercado pelas águas da capital paraense, Belém, cidade de 406 anos, localizada na região Norte do Brasil e, sobretudo, na Amazônia, caracterizada por dois tipos principais de ecossistema (SCHERER, 2005). O primeiro é as terras de várzeas, regiões baixas em beiras de rios. E o segundo tipo é a terra firme, área relativamente alta não sujeita às inundações sazonais.

O município de Belém é um exemplo deste tipo de ecossistema e composto por terra de várzea e por terra firme. A cidade está situada na área interna do estuário¹ do rio Amazonas. Belém possui o principal centro urbano da zona de transição da Amazônia Oriental, Central e Ocidental. O território está dividido em duas áreas: uma continental e outra insular. Na zona insular, a capital paraense possui em sua circunscrição algo em torno de 39 ilhas, além de outras no entorno de Belém que estão sob administração de outros municípios paraenses. A forma de acesso às ilhas é fluvial, por meio de embarcações de pequeno e médio portes que saem diariamente dos diversos portos de Belém e representam a zona rural da cidade (TELES; MATHIS, 2008).

A navegação embarcou da parte continental de Belém com destino à Ilha do Combu, uma das 39 que compõem a parte insular da capital paraense, sob jurisdição e administração da Prefeitura Municipal de Belém. Está localizada na margem esquerda do rio Guamá e a 1,5 km do centro urbano de Belém. Possui uma área de aproximadamente 15 km², com vários furos e igarapés, apresentando uma estrutura produtiva rural e familiar. Em 1997, a quarta maior ilha de Belém foi transformada em Área de Preservação Ambiental (APA) Combu por meio da Lei Estadual nº. 6.083/1997.

Com base no estudo do projeto Zoneamento Econômico e Ambiental nas Ilhas do entorno de Belém, realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), a população – entre 985 e 1.800 habitantes – reside na ilha há bastante tempo. Em média, possuem entre 24 e 38 anos de residência. A faixa etária média está entre 36,6 a 48,6 anos e o número médio de filhos das famílias é de entre 3,0 e 4,5. Teles e Mathis (2008) consideram a configuração da produção rural familiar da Ilha como condição comum entre eles, conforme Cunha e Almeida (2001) apresentam.

Apesar de a Ilha do Combu ser o local do breve desembarque desta navegação, existe um elemento nela que chama atenção. É o objeto desta pesquisa. A fachada das moradias, normalmente construídas em madeira, recebeu um colorido. Para compreender

1 Os estuários são regiões (rios, braços, furos, entre outros) nas quais podem ser localizadas tanto água doce como água salgada, dependendo da maré e da época do ano.

um pouco do que se trata esse colorido, devemos continuar a navegação de outro modo, com um estudo exploratório (SEVERINO, 2007), o qual é necessário para o levantamento de informações sobre este fenômeno, pois estabelece os limites do objeto e do campo de pesquisa, além de oferecer condições para pesquisa explicativa.

Diante disso, a navegação inicia com a pesquisa documental em jornais de circulação estadual e nacional a fim de conhecer o fenômeno a partir do veiculado em meio de comunicação de massa. A ideia é verificar as informações prestadas pela mídia como fontes de conteúdo que ainda não tiveram o devido tratamento analítico. A pesquisa documental surge como técnica, ainda que inicial, justamente pelo fato de dar condições de conhecer o objeto a partir de informações públicas e registradas em materiais nos quais o caráter jornalístico da informação encontra-se em estado bruto e foi produzido com base em procedimentos jornalísticos de checagem e em coleta de entrevistas para publicação (SEVERINO, 2007; GIL, 2002, 2008).

No estudo exploratório, a pesquisa documental teve como fontes, especificamente, os jornais em circulação no Estado do Pará. São eles: O Liberal² e Diário do Pará³. Acrescenta-se à pesquisa publicações assinadas pelo jornal de circulação nacional Folha de S. Paulo⁴.

As matérias jornalísticas ou reportagens são documentos, objetos de suporte material de informações (SEVERINO, 2007). Foram selecionados a partir de sua relação com fenômeno apresentado nas fachadas das moradias da ilha, as quais receberam o fenômeno. Para isso, a pesquisa ocorreu em momentos. O primeiro foi a pesquisa nas edições digitais de ambos os jornais paraenses pela rede mundial de computadores. O segundo momento foi realizado presencialmente na sede da Biblioteca Pública Arthur Viana, da Fundação Cultural do Pará (FCP). O material não localizado na edição digital foi coletado durante a pesquisa presencial. As publicações da Folha de S. Paulo foram por meio de suas edições digitais.

O intuito foi escolher as matérias jornalísticas diretamente relacionada ao fenômeno em questão. Portanto, o foco não está no âmbito quantitativo de documentos encontrados

2 Datado de 15 de novembro de 1946, O Liberal completou 76 anos em 2022 e foi fundado pelo empresário Rômulo Maiorana. A família mantém os jornais até hoje, inclusive em plataformas digitais.

3 Datado de 22 de agosto de 1982, O Diário do Pará completou 40 anos de circulação em 2022 e foi fundado por Laércio Barbalho, pai do político Jader Barbalho e avô do governador do estado Helder Barbalho, eleito em 2018 e reeleito em 2022.

4 Segundo o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (2018), o Grupo Folha é um dos maiores conglomerados midiáticos do País, que edita, desde 1921, o jornal Folha de S. Paulo, além do jornal Agora S. Paulo, do site noticioso do jornal e da agência de notícias Folhapress. Administra o instituto de pesquisas Datafolha e a empresa de logística Transfolha.



e sim no bojo qualitativo de informações apresentados pelos materiais localizados com a temática. Ao todo, a seleção envolveu oito (8) reportagens compreendidas entre os anos de 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019.

O jornal Folha de S. Paulo, em 30 de março de 2015, aborda – em “Daltônico, artista pinta fachadas de casas e barcos em ilha no Pará” – o fenômeno como o transporte da arte urbana para a Ilha do Combu, na qual a ideia é pintar a fachada de casas e barcos (Imagem 1). A ação é desenvolvida pelo artista visual Sebastião Tapajós Junior, mais conhecido na cena⁵ como Sebá Tapajós⁶, para colorir as casas da Ilha do Combu. Segundo Marques (2015), a ideia do artista é criar a primeira galeria fluvial do País, fazendo, assim, o nascimento do *Street River*. A atuação do artista se dava de modo individual à época, com a pretensão de pintar as fachadas de dez casas e de dez barcos.

5 Entende-se a partir da concepção apresentada por Freitas (2017) ao explicar a rede de interação e o movimento formado pelo conjunto de artistas do *graffiti* em determinado local e/ou região.

6 Neste artigo, adotaremos este nome todas as vezes que forem realizadas referências ao artista em função de sua conhecida identidade na cena.

Imagem 1: Fac-símile da matéria jornalística publicadas em 30 de março de 2015, do jornal Folha de S. Paulo.



Fonte: Folha de S. Paulo, 2015.

A página quatro (4) do Caderno Você do jornal Diário do Pará, da edição do dia 15 de janeiro de 2016, apresenta o fenômeno colorido nas fachadas das casas da Ilha do Combu, sob o título “Belém com parabéns em muitas cores” (Imagem 2). A matéria apresenta dois eventos de *graffitis* na cidade de Belém, que, por aquela ocasião, completava 400 anos. De acordo com o documento, os eventos eram o Reduto *Walls* e o *Street River*. Segundo Azevedo (2016), o *graffiti* nasce como arte de rua ligado ao movimento *Hip Hop* e expressa, por meio da arte, as problemáticas sociais, econômicas, políticas e culturais da

Belém continental e, também, insular.

Imagem 2: Fac-símile da página 4 do caderno Você, na edição de 15 de janeiro de 2016, do jornal Diário do Pará



Fonte: Diário do Pará, 2016.

O Reduto Walls se caracterizava como o evento de *graffiti* pelo bairro do Reduto, um dos mais antigos de Belém, localizado na área portuária da cidade. Já o *Street River* se configurava como evento voltado para a região insular, especificamente a Ilha do Combu, na qual a fachada das moradias recebia a pintura do *graffiti*. Este último é o objeto desta pesquisa, mas é necessário explicar brevemente o primeiro a fim de compreender a dinâmica que vai ao encontro do *Street River*.

Em 2016, na edição de 28 de janeiro, a página oito (8) do caderno Poder, Responsabilidade Social, do jornal O Liberal, apresenta a matéria sob o título “Arte dá visibilidade aos ribeirinhos”, na qual foca diretamente no *Street River* (Imagem 3). A matéria destaca a ação de *graffiti* como “a primeira galeria de arte fluvial do mundo” (PANTOJA,

2016, p. 8). Segundo o documento, o projeto consiste em dar visibilidade aos moradores da Ilha por meio da proposta da arte urbana⁷, em especial na expressividade da pintura do *graffiti*, e enaltecer a cultura dos povos tradicionais da Amazônia, historicamente esquecidos pelo Poder Público e que enfrentam problemas de saneamento básico e infraestrutura, por exemplo.

Imagem 3: Fac-símile da página 8 do caderno Poder, na edição de 28 de janeiro de 2016, do jornal O Liberal.



Grafitores elogiam a inusitada experiência que tem o rio como palco

Os artistas Tereza Dequintha e Roberto foram o núcleo de arte urbana na Ilha do Combu, em Belém. A casa e o depósito de caça da família são o palco para a arte. A artista visual Sebá Tapajós, que vive no rio, também se tornou um ponto importante na rotina dos moradores. Ela é uma mulher de 60 anos, mora na Ilha do Combu, em Belém, e trabalha com arte urbana há mais de 10 anos. Ela é conhecida por suas obras em locais públicos e privados, sempre com um propósito social. Ela acredita que a arte pode transformar a realidade e dar voz aos menos privilegiados. Ela acredita que a arte pode transformar a realidade e dar voz aos menos privilegiados.

7 Também conhecido como *Street Art*.

Naquele mesmo ano, na página quatro (4) do caderno de Turismo do jornal Folha de S. Paulo, em sua edição do dia 21 de janeiro de 2016 (Imagem 4), Molinero (2016) apresenta as potencialidades da ilha, sobretudo gastronômicas, que atraem visitantes e turista sob o título de reportagem de página inteira “Esse rio é minha rua”. Na matéria jornalística, uma fotografia de cinco colunas apresenta uma casa grafitada, com a seguinte legenda: “Fachada grafitada pelo projeto Street River, que pinta casa de ribeirinhos na ilha do Combu” (MOLINERO, 2016, p. 4). A imagem integra as demais visualidades da reportagem que representam o rio, um morador e uma fruta. Em nenhum momento do texto é abordado sobre a manifestação artística em si, apenas faz menção.

Imagem 4: Fac-símile da página 4 do caderno Turismo, na edição de 21 de janeiro de 2016, do jornal Folha de S. Paulo.



Fonte: Folha de S. Paulo, 2016.

TEMPORALIDADES DA ARTE

Dada a apresentação preliminar do fenômeno colorido nas fachadas das casas dos moradores do Combu como manifestação artística do *graffiti*, faz-se necessária a explicação entre os dois projetos anteriormente citados, haja vista que ambas as reportagens apresentam datas, porém, incongruentes, e diferenciações das propostas.

A matéria jornalística de Azevedo (2016) aponta o surgimento do projeto em 2013. Já a reportagem de Pantoja (2016) menciona que a primeira etapa do *Street River* ocorreu em 2014, quando seu idealizador, Sebá Tapajós, teria iniciado as tratativas com os moradores da Ilha para começar as pinturas de forma independente e, em 2016, teria elaborado o festival de *graffiti* com a participação de artistas de outras regiões do País. O ano de 2014 é apontado por Azevedo (2019) como o início do festival em matéria intitulada “Festival de arte vira polêmica”, na página dois (2) do Caderno Você do jornal Diário do Pará (Imagem 5).

Imagem 5: Fac-símile da página 2 do caderno Você, na edição de 1º de junho de 2019, do jornal Diário do Pará.



Em matéria do jornal O Liberal de 4 de maio de 2017, publicada na capa do Caderno Magazine, Vidigal (2017, p.1) apresenta “a maior galeria de arte fluvial” em sua terceira edição com a data de início da primeira edição em 2015 e a segunda edição em 2016, quando Belém completou o seu quarto século (Imagem 6).

Imagem 6: Fac-símile da capa do caderno Magazine, na edição de 4 de maio de 2017, do jornal O Liberal.



Esse rio que é rua e museu

Sebá Tapajós lidera a terceira edição do projeto Street River, que leva artistas visuais para criar obras nas fachadas das casas ribeirinhas

ENZI VIDIGAL
Da Redação

A maior galeria de arte fluvial ganha novas cores nas ilhas de Belém, e a terceira edição do Street River, projeto do artista visual e grafiteiro Sebastião Tapajós Bastos, o Sebá Tapajós, além de outros artistas de renome nacional e internacionais para transformar palafitas de casas ribeirinhas em paisagens multicoloridas por toda a ilha da Grajaú. Nas edições anteriores, o comitê organizador convidou artistas de outros estados e países para criar obras nas fachadas das casas ribeirinhas. O projeto Street River 2017 tem a curadoria de Sebastião Tapajós Bastos, o Sebá Tapajós, e a curadoria de Sebastião Tapajós Bastos, o Sebá Tapajós, e a curadoria de Sebastião Tapajós Bastos, o Sebá Tapajós.



Em duas edições já realizadas, casas de ribeirinhos de duas comunidades localizadas ao longo do Igarapé Combu ganharam o colorido do grafite

Houve uma outra parada na Trilha do Cacau da Amazônia, conhecida e cultivada na gastronomia por nomes como Alca, Arata, Fogueira e Thiago Castanho. Na trilha, cada artista ganhou um pr de cacau. Os artistas alternaram na ilha do Combu e retornaram a Belém no final de maio. Ocaso, eles colheram o Mercado do Ver e do Bisco e Mercado da Carne, experimentaram a cozinha indígena e práticos da culinária e participaram de um bate-papo com universitários.

Hoje, os artistas do Street River estão criando suas obras, onde poderão contar um pouco sobre a cultura e a gastronomia, com o apoio do Museu Francisco de Paula Gomes. A noite, participarão de um bate-papo com os moradores das casas que irão ser usadas durante o festival. Cada artista apresentará um pouco sobre sua cultura e a culinária indígena, com o apoio do Museu Francisco de Paula Gomes.

No sábado, 6, os artistas retornaram à ilha da Grajaú para o início do Festival do Street River 2017. Serão realizadas oficinas e um bate-papo com os artistas e moradores, além de dois bares gratuitos para os visitantes. Os artistas poderão expor e participar de uma oficina de grafite. A última etapa da pintura das casas ocorre no domingo, 7, com o encerramento às 18h.

O descanso da guerreira.

Toda mãe merece o conforto de um Probel.

Probel

Sempre a sua melhor escolha

Cont. 800-000000-448

contato@probel.com.br

Tel.: 3223-8644

www.probel.com.br

Fonte: O Liberal, 2017.

Já Azevedo (2017) aponta a terceira edição do projeto em matéria publicada em 14

de maio de 2017, sob o título “Arte urbana na ilha”, na página oito (8) do Caderno Você do jornal Diário do Pará (Imagem 7). Com isso, é possível estabelecer a data de início em 2015.

Imagem 7: Fac-símile das páginas 8 e 9 do caderno Você, na edição de 14 de maio de 2017, do jornal Diário do Pará.



Fonte: Diário do Pará, 2017.

Apesar disso, as mesmas reportagens citam o projeto Reduto Walls também com datas divergentes. Azevedo (2016) escreveu que o referido projeto estava em uma segunda fase em janeiro de 2016 e que a primeira edição ocorreu em 2014. Já Pantoja (2016) traz

apenas a informação de que Sebá Tapajós promoveu o evento de *graffiti Reduto Walls* em 2014. Em entrevista ao jornal O Liberal, na matéria publicada em 4 de maio de 2017, o idealizador do projeto informa que trabalha há quatro anos às margens do rio e há três teve convivência com os moradores da ilha (VIDIGAL, 2017).

Ao analisar esse dado, é possível verificar que Sebá Tapajós possa ter se referido ao Reduto *Walls* ao falar sobre os quatro anos, que remeteria ao ano de 2013, como possível início do projeto, já que o mesmo se dava no bairro de mesmo nome nas imediações da área portuária de Belém, às margens da Baía do Guajará. Além disso, ao falar sobre os três anos de convívio com os moradores da Ilha do Combu, a referência seria o ano de 2014, quando teria iniciado o contato com aqueles cidadãos para o projeto do *Street River*, que, a princípio, ganha notoriedade midiática a partir de 2016, ano das comemorações dos 400 anos de Belém.

Por outro lado, a referência de quatro anos atrás, contados de 2017, poderia ser uma indicação das primeiras atividades independentes de Sebá Tapajós na Ilha do Combu e até lançamento do projeto em 2014. São situações que surgem a partir da análise dos documentos, os quais ensejam uma investigação sobre o fato. A data é um dado relevante neste ponto para a compreensão do objeto desta pesquisa em sua totalidade. Por isso, neste momento, a navegação pega outro rumo.

O delineamento metodológico foi direcionado para a entrevista, técnica baseada na coleta de informações entre pesquisador e pesquisado (SEVERINO, 2007). O objetivo de utilização deste recurso, aplicado de forma recorrente em pesquisas nas ciências sociais e, também, nas ciências sociais aplicadas, era apreender sobre o projeto *Street River* diretamente com o seu idealizador Sebá Tapajós e, portanto, entender o pensamento acerca do objeto desta pesquisa. Para isso, optou-se por uma entrevista estruturada por um roteiro de perguntas abertas acerca do projeto (GIL, 2008).

O primeiro contato se deu com a apresentação desta pesquisa pelo *direct* da conta do Instagram⁸. Sebá Tapajós respondeu a solicitação de entrevista com o pedido de envio do roteiro de perguntas por e-mail e assim foi feito. Na entrevista, foi possível elucidar a caminhada dos projetos Reduto *Walls* e *Street River*. O Reduto *Walls* teve início em 2013, com a proposta de chamar atenção das autoridades públicas e da sociedade para os problemas sociais pelos quais o bairro do Reduto passava. Naquela ocasião, artistas de

8 Mídia digital de rede social, com expressividade essencialmente visual e uso prioritariamente por meio tecnologia móvel, permitindo a postagem e compartilhamento de imagens, fotografias e vídeos.

várias localidades do País participaram do evento de *graffiti*. Azevedo (2016, p. 4) aponta que o projeto rendeu, em 2014, “o primeiro grande painel coletivo de *graffiti* de Belém” e que proposta seria a revitalização, por meio da arte urbana, de cerca de 1,4 mil metros quadrados do bairro. Sebá Tapajós (Informação Verbal) explica o projeto:

Em 2006, fui convidado para ser coordenador da cultura hip hop pelo Governo do Pará, organizando atividades em escolas municipais, penitenciárias e em espaços culturais públicos como a Casa da Linguagem e a Fundação Curro Velho. Dava aulas de *graffiti* e organizava as outras frentes do projeto, como oficinas de DJ de *break-dance*. Ocupávamos a praça São Brás com saraus de música e pintura, levávamos caixas de som e microfones da Casa da Linguagem, comprava um tapume de madeira que usava como tela e algumas latas de tinta *spray*. Víamos ali ser lapidada a cultura urbana paraense em plena praça São Brás, reduto dos pixadores da década de 1970 e hoje berço da batalha dos MCs de Belém. Depois, por conta própria, comecei a pintar alguns muros do bairro onde morava, o Reduto. Essa região reinou na época da Borracha, e ganhou ícones arquitetônicos como o Teatro da Paz, em 2012 o segundo bairro com maior índice de assalto a mão armada em Belém. Queria chamar atenção para essa dicotomia e comecei um projeto chamado Reduto *Walls*, quando convidei alguns artistas do Brasil para fazer o primeiro encontro de *graffiti* de Belém com artistas de outros estados. No fim de semana do evento, sábado e domingo, saímos na capa do caderno de cultura d’O Liberal, o maior jornal de Belém. Em 2013, fiz o Reduto *Walls* para provocar as autoridades sobre a violência do bairro, que era abandonado, soturno e mau iluminado.

Ao demonstrar os primeiros caminhos e a intencionalidade do projeto Reduto *Walls*, Sebá Tapajós (Informação Verbal) indica que foi a partir de uma ida à Ilha do Combu que teve a ideia de levar a proposta do *graffiti* à população insular, a fim de que a arte pudesse fazer o seu papel de ativismo social.

Por ironia, nesse bairro fica o Terminal Hidroviário do Estado do Pará, o mais movimentado porto turístico da cidade, de onde partem barcos e balsas para Santarém, Ilha do Marajó e Manaus. O vai e vem pelas águas dos rios pautava a vida do bairro. Voltando para casa, perdia o olhar nos barcos que partiam e atracavam. Desde 2007, vou na Ilha do Combu para comer na Saldosa Maloca. Na última vez que fui, pedi ao barqueiro que queria rodar a ilha toda. Tinha vontade de ver mais, conhecer, explorar, entender. Foi quando me deparei com um dos maiores paradoxos da minha vida, que hoje norteia meu trabalho como artista, um artista pela arte: aquelas pessoas viviam cercadas da água barrenta dos rios mas não tem saneamento básico e qualquer acesso à água potável. Queria trabalhar ali para ajudar aquelas pessoas por meio das cores do *graffiti*, e decidi pintar uma casa. Fiz fotos de várias casas e fiquei pensando que ali, naquelas casas de palafitas feitas de tábuas úmidas de madeira.

Ao que tudo indica, o artista visual inicia sua trajetória do projeto *Street River* de forma independente em 2014 na Ilha do Combu, em consonância com que apontou em entrevista para Vidigal (2017), quando comentou que, tomando como referência o ano de

publicação da matéria em 2017, estava há quatro anos trabalhando às margens do rio, que remete ao ano de 2013 com o Reduto *Walls*, e há três anos na convivência com a comunidade insular do Combu.

Sebá Tapajós (Informação Verbal) indica 2016, data dos 400 anos de Belém, como o pontapé do projeto *Street River*, com a participação de artistas locais e nacionais, a fim de direcionar a atenção da sociedade para a Ilha, que lida diariamente com problemas de saneamento e abastecimento, e, ao mesmo tempo, presentear os moradores com a manifestação artística que retratasse o seu cotidiano.

Conversei com alguns moradores e decidi pintar a primeira. Depois, pintei mais algumas e vi que o impacto era positivo na comunidade e na mídia, chamando atenção para as precariedades da região. Quis fazer a mesma reunião de artistas em um lugar que precisava do olhar da mídia e do poder público, reforçando a ideia de que eles precisavam ser vistos e cuidados para que tivessem ao menos suas necessidades básicas. Depois de uma exposição em Belém, consegui vender todas as minhas telas que retratavam índios e decidi usar esse dinheiro para fazer, mais uma vez, um encontro de grafiteiros dos quatro cantos do país, mas dessa vez na Ilha do Combu. Em 2016, marcamos a data para o aniversário de Belém justamente para chamar atenção, pois as comemorações da data eram sempre para os belenenses, não para aquelas pessoas que moram ali, apenas a 2 quilômetros da capital. Encaramos o *Street River* como um presente para os ribeirinhos daquela Amazônia rural, não a Amazônia Urbana de Belém. Artistas e famílias escolhiam-se, e de comum acordo decidiam o que ser retratado ali: flores, peixes, cachorros, pupunheiras e outras inspirações e motivos do cenário do entorno. Depois da visibilidade e da alegria deixada pelas pinturas, o lado social também falava: as pinturas eram feitas com tinta anti-mofo, que impermeabilizava a madeira e ajudava a controlar as alergias e doenças respiratórias causadas por ácaros, que atingem boa parte das crianças da região.

O que podemos observar é o início do projeto *Street River* em 2014 com a proposta de levar a arte do *graffiti* para as fachadas das casas das Ilha. O corpus da pesquisa está baseado nas imagens visuais da arte do projeto *Street River* na Ilha do Combu em Belém, em especial nas edições que ocorreram no Furo da Paciência e no Igarapé do Combu, dois dos principais acessos ao interior da ilha e com o maior número de moradias que receberam a pintura.

O acesso ao Furo da Paciência e ao Igarapé do Combu, onde se encontram a maioria das moradias com os *graffitis* das edições dos anos 2014, 2015, janeiro de 2016, maio de 2017, junho de 2018 e maio de 2019, se dá somente por meio fluvial. O foco do projeto é o ativismo social e a interação com os povos tradicionais (VIDIGAL, 2017).

AS PINTURAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Vidigal (2017) aponta que em 2015 foram 12 casas pintadas, dez em 2016 e dez artistas participantes em 2017. Este número de artistas nacionais e internacionais em 2017 é o mesmo apresentado por Azevedo (2017). Já Pantoja (2016) menciona 12 casas alcançadas pelo projeto em 2016, dado divergente de Vidigal (2017) que menciona dez casas pintadas. Em 2019, há o registro, por Azevedo (2019), de participação de seis artistas mulheres na edição do projeto voltado para o chamado ativismo⁹ feminino. Sebá Tapajós (Informação Verbal) relatou em resposta ao roteiro de perguntas o quantitativo de 37 casas pintadas pelo projeto *Street River*.

Pantoja (2016), Vidigal (2017) e Azevedo (2017) apontam que, antes de iniciar o trabalho, as casas são selecionadas juntos aos moradores pelo projeto, que convivem com Sebá Tapajós há algum tempo. Os artistas têm contato com os ribeirinhos em momentos anteriores ao início da pintura a fim de compreender sobre as dinâmicas existentes no espaço onde estarão por meio da arte urbana. Para isso, é necessário um convívio entre os artistas e a comunidade, o que inclui conversas, almoço de comidas regionais, que é o peixe com açaí, além da experimentação do modo de vida dos moradores insulares, que sobrevivem da agricultura de subsistência e do extrativismo vegetal e da pesca.

Notamos as menções ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que são feitas por Vidigal (2017) e Azevedo (2019). O projeto, segundo Vidigal (2017, p. 1), teria a “chancela do Iphan” e, conforme Azevedo (2019, p. 2), foi “reconhecido” pelo órgão público nacional, “desde 2016, como a primeira galeria de arte fluvial do país”. Em consulta, por telefone e e-mail, à Superintendência do Iphan do Pará, inclusive com o envio de matéria de Vidigal (2017) como ilustrativa da situação elencada, foi questionado sobre a chancela e o reconhecimento, se realmente ocorreu ou não e, ainda, se houve linha de fomento ou edital para este tipo de ação.

Em 22 de setembro de 2020, o primeiro contato se deu por telefone com a Coordenadoria Técnica da Superintendência do Iphan no Pará, o que orientou o envio de e-mail da solicitação de informação e desta forma procedido, com a seguinte resposta da coordenadora técnica substituta Denise Rosário de Carvalho (Informação Verbal):

Conforme já informado, através de contato telefônico, a iniciativa do Projeto em questão denominado “*Street River*” não abrange nenhum bem acautelado pelo Iphan, tanto na sua acepção do patrimônio material ou imaterial, portanto, não temos iniciativa em abrir editais de fomento relacionado a patrimônio cultural, que não seja de proteção legal do

9 Entende-se pela tomada da arte como meio fazer ou promover o ativismo social.

Iphan.

A reportagem mostrada, apesar de ter indicado o nome do Iphan como responsável por cancelar uma iniciativa privada, que não é protegida pelo Iphan, é, infelizmente, uma notícia falsa, cujo autor da matéria e o jornal associado não apurou junto do Instituto para confirmar a informação.

Depreende-se que a ONG, que tratava do projeto em questão, Instituto *Street River*, referenciou o Iphan de forma irregular, e em 2019, instigando com arquiteta da área técnica, soube que essa situação foi denunciada ao Iphan, não se sabe se é por isso, que o próprio site da referida ONG não se encontra mais no ar.

Ante o exposto, é o que se tem a declarar sobre a situação exposto por Vossa Senhoria.

A consulta à representação regional do Iphan no Pará foi feita em concomitância para a Superintendência, que foi respondida pela superintendente Rebeca Ferreira Ribeiro (Informação Verbal):

Informo que o Iphan não emite “chancela” para trabalhos dessa tipologia.

Este Instituto não emitiu tombamento, tampouco registrou patrimônio imaterial na área em questão.

O jornal em questão afirmou algo inverídico.

Como é possível observar, o órgão público nacional do patrimônio não emitiu qualquer tipo de parecer de concessão de reconhecimento ou mesmo de linha de fomento ou ainda agraciamento por edital com ligação ao projeto de iniciativa privada, o que demonstra, até certo ponto, a checagem incompleta das informações prestadas nos documentos selecionados para esta etapa de pesquisa exploratória. Além de datas equivocadas, verificadas anteriormente, contata-se a ocorrência de desinformação.

Duas matérias jornalísticas dos anos de 2017 e 2018 apresentam a ideia de intervenção artística para a proposição do projeto de levar, por meio da arte do *graffiti*, a visibilidade daquela comunidade insular para os problemas sociais enfrentados diariamente. Em determinado trecho da reportagem do jornal O Liberal, Vidigal (2017, p. 1) escreveu que “as intervenções artísticas acontecerão no próximo final de semana”. Na matéria jornalística do jornal Diário do Pará, intitulada “Galeria à beira do rio”, publicada no dia 1º de junho de 2018, na página cinco (5) do Caderno Você, Rodrigues (2018, p. 5) registra que “o evento é anual, idealizado pelo artista paraense Sebá Tapajós, que convida artistas de vários lugares do mundo e do Brasil para fazer intervenções nas casas ribeirinhas através do muralismo, *street art* e *graffiti*” (Imagem 8).

Imagem 8: Fac-símile da página 5 do caderno Você, na edição de 1º de junho de 2018, do jornal Diário do Pará.



Fonte: Diário do Pará, 2018.

Dewey (2010) contribui com a proposta da arte como experiência, quando afirma que cada arte emana um tipo diferente de linguagem e comunicação entre o objeto, o artista e o público, este último os próprios moradores e os visitantes da Ilha do Combu. A forma e a expressão da arte, enquanto linguagem e comunicação, permitem a idiossincrasia, no sentido de ver, sentir e experimentar. A interação entre o humano e o meio, segundo o autor, é importante para a comunicação de significação, a produção de sentido, a transmissão de ideias e o conhecimento. A temática da arte provoca emoção e o contato transforma o objeto artístico em novo. É o que o autor diz quando não há separação entre a matéria e a forma.

O autor destaca que a experiência é elemento fundamental em sua análise. O ser vivo recebe e é influenciado pelo meio. Para o homem, tempo e espaço integram as necessidades conscientes de transformar o orgânico em forma de expressão e comunicação. A arte utiliza a natureza em sua capacidade de produzir e dar significados, utilizando a energia dos materiais. E a experimentação está na contemplação da expressão. É a continuidade entre os eventos e os atos cotidianos do qual a arte é uma forma de experimentação que alcança a dimensão estética (DEWEY, 2010).

A partir da situação elencada no que concerne às informações do objeto, e ao observar as pinturas nas moradias, inicia-se a construção do problema de pesquisa no que se refere, em primeira tensão, às manifestações artísticas que se constituem como imagens visuais que são alcançadas pela percepção. Portanto, aqui, é necessário pontuar a condição sógnica do *graffiti*, haja vista a opção pelo percurso metodológico semiótico do filósofo Charles Sander Peirce,¹⁰ para esta pesquisa (SANTAELLA, 2020, 2019, 2002, 1995).

É o estabelecimento do processo comunicacional que se dá por meio da interação, do afeto, e por quê não da experiência, alcançando, assim, a dimensão estética, em especial da comunicação. Na segunda tensão, há a arte como expressão da linguagem que ocorre a partir da capacidade comunicacional por meio de um sistema organizado de códigos. É a arte como experiência estética e ato representacional. E, em terceira tensão, as manifestações artísticas na Ilha do Combu colocam em discussão o propósito de ressignificar as casas não somente no sentido estético, mas também semiótico, o que permite suscitar indagações a partir de perspectivas comunicacional e de linguagens na experiência estética.

Observamos que, mesmo com o consentimento do morador para a realização do *graffiti*, há uma interação do artista e das propostas artística e estética com o cidadão insular, assim como ocorre, em determinada medida, modificação comunicacional, no sentido imagético e paisagístico, do espaço e das relações estabelecidas a partir, a princípio, da estética das moradias, seja por seus moradores, artistas e visitantes da Ilha. Além disso, ao trazer os sentidos de revitalização e a intervenção para o debate, como apontados nos dados da pesquisa documental, não é objetivo adentrar nas questões arquitetônicas e patrimoniais, mas é possível perceber a reverberação de sentidos e significados que as palavras revitalização e intervenção provocam quando são acionadas na visualidade do

10 Charles Sanders Peirce nasceu em 1839 em Cambridge, Massachusetts, no Estados Unidos, e morre em 1914. Fez carreira acadêmica na Universidade Harvard, com formações nas áreas de matemática, física, astronomia e fez contribuições no campo da Geodésia, Metrologia e Espectroscopia, estudando ainda Biologia, Geologia e Química. Foi um dos fundadores paradigmáticos da Escola do Pragmatismo e pai da Semiótica Americana ou Peirceana.

graffiti nas moradias.

Ressalta-se o caráter experiencial e, sobretudo, de dimensão estética pelo qual este trabalho envereda, tomando como base a presença da arte urbana no contexto insular. Não é foco desta pesquisa o questionamento de poder ou não o *graffiti* fazer parte da vida dos moradores da Ilha do Combu. A proposição está no alargamento do caráter artístico como constituinte de um espaço de vivências e práticas, no qual o item da realidade, se assim é possível dizer, constituiu as dinâmicas e relações naquele espaço da ilha.

PRÁTICAS SEMELHANTES

Ao nascer em meio urbano, o *graffiti* tinha como principal mídia¹¹, se não a única, o sistema de transporte público de Nova Iorque, como veremos nas demais seções, e foi nesse espaço que desenvolveu a sua maior expressão até a atualidade (FARTHING, 2011). No entanto, também é possível encontrar iniciativas com características semelhantes ao projeto de *graffiti Street River*.

Para isso, a nossa navegação adentra, novamente, por outras águas. A próxima parada é na comunidade da Formosa, no bairro da Alemanha, em São Luís, capital do Estado do Maranhão, no nordeste brasileiro. Denominado de Favelart, o projeto teve os primeiros passos em 2014 de forma independente com seu idealizador, o grafiteiro Carlos Nogueira, morador da comunidade, também conhecido como Carlos Over. Entretanto, o projeto ganha fôlego em sua primeira edição oficial em outubro de 2018. A iniciativa foi repetida em outubro de 2019, como veremos na Imagem 9.

Imagem 9: Casas da comunidade receberam edição do Favelart em São Luís (MA)



Fonte: Site <https://razoesparaacreditar.com>. Acesso em: 30 mai. 2019.

11 Suporte, plataforma, meio.

De acordo com reportagem jornalística exibida no programa *Daqui*, da TV Mirante, afiliada da Rede Globo de Televisão no Maranhão, em 26 de outubro de 2019, Carlos Nogueira é morador da comunidade e aprendeu a grafitar com o pai. A ideia foi levar à periferia a arte e a cultura, além de elevar a autoestima dos moradores da área. A edição de 2018 contou com dez artistas locais e de coletivos¹² de grafiteiro e a edição de 2019 levou oficinas de tranças, fotografia e *graffiti* aos interessados.

A navegação não parou aí. Seguimos até uma vila de artesãos do distrito de Pasmadinho, no município de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, no nordeste do Estado de Minas Gerais, na região sudeste do Brasil. De acordo com reportagem jornalística exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, em 23 de setembro de 2018, o artista plástico Wenderson Moraes pinta as fachadas das casas do vilarejo desde julho desse ano, conforme a Imagem 10. No total, foram mais de 60 casas pintadas.

Imagem 10: Fachada de casa pintada no vilarejo de Pasmadinho (MG)



Fonte: Site <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

Segundo a reportagem, o artista produz a tinta de aplicação na fachada a partir de barro seco, água, cola branca, cal e corante (tintura) e o custeio é tirado do próprio bolso. Ele afirmou em reportagem já ter desembolsado cerca de R\$ 5 mil. Durante a entrevista, Wenderson contou que faz a pintura após percorrer outras regiões do mundo e volta à Pasmadinho com a necessidade de estar perto da sua localidade.

A abordagem aos moradores das casas do vilarejo de Minas Gerais é feita em formato

12 São grupos de grafiteiros que constroem uma identidade em comum.

semelhante ao do projeto *Street River* da Ilha do Combu de Belém, com a interação junto aos habitantes que, segundo a reportagem do programa televisivo, ocorre com sugestões e palpites, como vemos na Imagem 11. A moradora de prenome Zenolia pediu para pintar o nome na fachada da casa.

Imagem 11: Moradora da vila de Pasmadinho tem o nome pintado na fachada



Fonte: Site <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

Alguns moradores não aceitaram a proposta do artista de pintar a fachada da casa, exemplo que pode ser visualizado na Imagem 12.

Imagem 12: Moradia de Pasmadinho sem a pintura do artista plástico



Fonte: Site <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

De forma aproximativa, percebe-se uma semelhança de percurso de imagem visual como o identificado no projeto *Street River* e a relação de tensionalidade da problemática desta pesquisa com as moradias do vilarejo da comunidade mineira, assim como da comunidade maranhense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrecruzamento entre as áreas rural e urbano, como é o caso de Belém continental e da Belém insular com o projeto *Street River*, as pinturas de Wenderson Moraes na vila de Pasmadinho, no distrito de Itinga, em Minas Gerais, e a relação de centro e periferia na comunidade de São Luís no Maranhão esbarram nos tensionamentos da problemática desta pesquisa, pois a presença do *graffiti*, no caso de Belém, e das pinturas do vilarejo (MG) em área de características rurais e na periferia da capital maranhense culminam em uma reformulação estética, seja visual, imagética e comunicacional, que, por um lado, ressignifica uma localidade e, por outro, estabelece interações com um modo de vida desses espaços.

Retomando a navegação no projeto *Street River*, Lacerda (2015) apresenta a questão da efemeridade do *graffiti*, que pode durar anos em um muro ou fachada, como também pode ser pintado no dia seguinte. O fotógrafo apresenta a reflexão a partir da experiência do ato fotográfico em grandes cidades brasileiras e estrangeiras, como é o caso de São Paulo a qual é uma das precursoras da manifestação artística no Brasil (ROTA-ROSSI, 2007). No entanto, em Belém, que é formada de partes continental e insular, há a ocorrência do *graffiti* na parte insular, considerada rural, como o colocado por outros autores já mencionados. Apesar disso, o rural é ainda a cidade, em seu aspecto de urbanidade.

Nessas águas, a navegação continua em direção, novamente, para o *Street River*, na Ilha do Combu, em Belém. Ainda debruçados sobre os documentos jornalísticos, Rodrigues (2018) aponta que os contornos do projeto não ficam restritos às pinturas das casas dos moradores. O evento de *graffiti* alarga sua ação no sentido de promover iniciativas as quais possam possibilitar qualidade de vida daquela comunidade, como instalação de placas solares para a falta de energia, reparos e manutenções nas moradias e o sistema de filtro para acesso à água potável. Segundo Rodrigues (2018), a ação¹³ ocorre em parceria com Organização Não-Governamental (ONG) e empresas. “O evento, além de levar arte,

13 Apesar de não citar ONGs e empresas parceiras, Rodrigues (2018) menciona que o projeto *Waves for Walter* distribuiu equipamento de filtragem de água desenvolvido pela Nasa, haja vista que os moradores não têm acesso à água potável. A ação se deu por meio do Instituto *Street River*, criado para desenvolver ações sociais e assistências aos moradores da Ilha do Combu, além do *graffiti*.

procura atender os direitos básicos dos ribeirinhos¹⁴, que a organização do evento vê como tratado de responsabilidade com essa população” (RODRIGUES, 2018, p. 5). Apesar de não integrar o escopo do objeto desta pesquisa, a iniciativa ocorre desde 2017, segundo a reportagem.

De acordo com Azevedo (2019), o festival recebeu questionamento em função de uma edição dedicada ao ativismo feminino, no qual das seis artistas convidadas, somente uma era paraense, e ainda pela ausência de artistas locais na participação do evento. A edição chegou a ser paralisada, por causa dos posicionamentos de coletivos de grafiteiras de Belém, mas a organização propôs uma roda de conversa aberta a fim de alinhar as arestas do caso em questão. Em 2020 e 2021, não houve edições do evento, quando a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), que teve o primeiro registro de caso no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, inviabilizou o projeto. Entretanto, a Covid-19 não interferiu diretamente na condução desta pesquisa iniciada em 2016. O projeto foi retomado em 2022.

Por ora, esta navegação por Belém, a partir da pesquisa documental, tem sua contribuição para demonstrar as nuances do objeto de tal forma como foi divulgado pela mídia, assim obtendo o conhecimento das informações circulantes sobre as expressões artísticas do projeto *Street River*.

BIBLIOGRAFIA

14 Os moradores da zona insular são identificados como populações tradicionais ou ainda de povos ou comunidade tradicionais, conforme o Decreto nº. 6.040/2007, no qual são considerados grupos culturalmente diferenciados, que ocupam de forma própria o espaço, possuem formas próprias de organização social e utilizam os recursos naturais para a sua reprodução como um todo. O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

De acordo com Almeida (2007, p. 48), “a ocupação da terra e os seus diferentes usos pelos povos tradicionais da Amazônia abrangeram muitas categorias de população: índios, seringueiros, ribeirinhos, castanheiros, entre outras”. Isso demonstra a amplitude conceitual desses povos que Arruda (1999) acrescenta o caráter da subsistência, a peculiar articulação com o mercado, o uso da mão de obra familiar, a tecnologia de baixo impacto e a base sustentável como caracterizadores das populações tradicionais.

O grupo de habitantes das ilhas ao entorno de Belém são ribeirinhos, também conhecidos como Povos das Águas. Eles se diferem de outros povos de terra firme, por exemplo, pois vivem em comunidades, à beira de rios, igarapés e igapós e em casas – a sua maioria – de palafitas para enfrentar as inundações. Os ribeirinhos desenvolveram relação específica com a terra. É nela que ocorre o trabalho de colheita na ilha, assim como depende da água também para o trabalho a fim de estabelecerem pequenas transações comerciais com a região continental (SCHERER, 2005). Teles e Mathis (2008) afirmam que os ribeirinhos integram a categoria da produção rural familiar, o que direciona possibilidades relacionadas às gerações de emprego e renda.

Para esta pesquisa, é adotado o termo morador(a), por considerar que são parte da população de Belém, seja continental ou insular.



- ALMEIDA, M. Quem são os povos da floresta?. Cadernos SBPC 30. *Povos da Floresta*: Cobertura jornalística feita a partir de conferências e mesas-redondas apresentadas na 59 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). 2007.
- ARRUDA, R. “Populações Tradicionais” e a proteção de recursos naturais em Unidades de Conservação. In: *Ambiente & Sociedade*, ano II, n 5, 1999.
- CUNHA, M. da.; ALMEIDA, M. W. B. populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, J. P. R. et al. *Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FARTHING. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual de Redação*. 21.ed. São Paulo: Publifolha, 2018.
- FREITAS, T. T. *Pintando com elas: uma etnografia a partir do coletivo de graffiti Freedas Crew*. 2017. 171 páginas. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2017.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LACERDA, P. M. *Photo Grafite*. Canvas Galeria de Arte. São Paulo: 2015.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 4. ed. 3ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ROTA-ROSSI, B. *Alex Vallauri: da gravura ao grafite*. Santos: Unisanta, 2007.
- SANTAELLA, L. (Org.). *Charles Sanders Peirce*. Excertos. São Paulo: Paulus, 2020.
- SANTAELLA, L. *A Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- SANTAELLA, L. *Estética & Semiótica*. Série Excelência em Jornalismo. Curitiba: Intersaberes, 2019.
- SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SCHERER, E. *Modos de vida ribeirinha na Amazônia*. GT11 – A – Mundo Rural na Sociedade Brasileira: Território, Atores e Projetos. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=do_c_download&gid=643&Itemid=170. Acesso: 20 Abr. 2017.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- TELES, E.; MATHIS, A. *Dinâmicas Sócio-Espaciais: Estratégias de sobrevivência em comunidades Ribeirinhas no Estuário Amazônico*. IV Encontro Nacional da Anppas em Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT7-310-867-20080510222553.pdf>. Acesso em: 1 Mar. 2017.

FONTES DOCUMENTAIS



AZEVEDO, L. Arte urbana na ilha. *Diário do Pará*, Belém, Caderno Você, p. 8-9, maio 2017.

AZEVEDO, L. Belém com parabéns em muitas cores. *Diário do Pará*, Belém, Caderno Você, p. 4, janeiro 2016.

AZEVEDO, L. Festival de arte vira polêmica. *Diário do Pará*, Belém, Caderno Você, p. 2, junho 2019.

BELEMTUR. Coordenadoria Municipal de Turismo de Belém. Inventário da Oferta Turística da Ilha do Combu. Belém – PA, 2019.

CARVALHO, D. R. de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por e-mail tecnica.pa@iphan.gov.br em 22 set. 2020.

MARQUES, J. Daltônico, artista pinta fachadas de casas e barcos em ilha no Pará. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno Cotidiano, março 2015.

MOLINERO, B. Esse rio é minha rua. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno Turismo, p. D4, janeiro 2016.

PANTOJA, B. Arte dá visibilidade aos ribeirinhos. *O Liberal*, Belém, Caderno Poder, Responsabilidade Social, p. 8, janeiro 2016.

PARÁ. Universidade Federal do Pará. Projeto zoneamento econômico e ambiental nas ilhas do entorno de Belém. Belém-PA, 2015.

RIBEIRO, R. F. de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por e-mail rebecca.ribeiro@iphan.gov.br em 22 set. 2020.

RODRIGUES, A. Galeria à beira do rio. *Diário do Pará*, Belém, Caderno Você, p. 5, junho 2018.

TAPAJÓS JÚNIOR, S. Informações sobre o projeto Street River. Belém, 2020. Entrevista concedida a Will Montenegro Teixeira. Mensagem recebida por e-mail streetriveramazonia.isr@gmail.com em 26 fev. 2020.

VIDIGAL, E. Esse rio que é rua e museu. *O Liberal*, Belém, Caderno Magazine, capa, p. 1, maio 2017.

FONTES AUDIOVISUAIS

NA MIRA. Favelart será realizado nos dias 5 e 6 no bairro da Alemanha. Disponível em: <https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2019/10/04/favelart-sera-realizado-nos-dias-5-e-6-no-bairro-da-alemanha.shtml>. Acesso em: 22 out. 2022.

RAZÕES PARA ACREDITAR. Artistas grafitam casas de madeira em favela de São Luís (MA). Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/artistas-grafitam-casas-favela/>. Acesso em: 30 maio 2022.

RAZÕES PARA ACREDITAR. Casas da comunidade receberam edição do Favelart em São Luís (MA). Imagem digital, 2018. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/artistas-grafitam-casas-favela/>. Acesso em: 30 maio 2022.

TV GLOBO/FANTÁSTICO. Fachada de casa pintada no vilarejo de Pasmadinho (MG).



Imagem digital, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

TV GLOBO/FANTÁSTICO. Moradia de Pasmadinho sem a pintura do artista plástico. Imagem digital, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

TV GLOBO/FANTÁSTICO. Moradora da vila de Pasmadinho tem o nome pintado na fachada (MG). Imagem digital, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/artista-leva-cor-a-vila-de-artesaos-cinzenta-no-vale-do-jequitinhonha.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

Recebido em 17/11/2022

Aprovado em 26/12/2022